		REL	ATÓRIO	D TÉCNICO	N°:	RL-	3000.00-150	0-941-PMU	-012
B	-1	CLIENTE:	AND	ERV/US-OP	SUB/IS				1 de 23
		PROGRAMA:	GERAL						
PETRO	BRAS	ÁREA:	GERAL						20000 CONTR.
E&P-S US-OP ISBM / E	SUB	TÍTULO:		PROCEDIMEN	ITO DE A	NÁLISE PARA	CVD DE 2ª E	XTREMIDAD	E
				N	P-1				
				ÍNDICE DE	REVIS	ÕES			
REV			DE	SCRIÇÃO E	OU FO	LHAS ATI	NGIDAS		
0	EMISSÃ	O ORIG	INAL						
1									
1									
	Гр	ev 0	Rev A	Rev B	Rev C	Rev D	Rev E	Rev F	Rev
ATA		9/2014	IVEA W	Kev B	IVEA C	INEV D	INGV E	1/64 1	INOV
ROJETO		/EIMDS							
XECUÇÃO		FAEL							
ERIFICAÇÂ	io ea	rios							
PROVAÇÃ	0 /	INGER							

AS INFORMAÇÕES DESTE DOCUMENTO SÃO PROPRIEDADE DA PETROBRAS, SENDO PROIBIDA A UTILIZAÇÃO FORA DE SUA FINALIDADE.



RELATÓRIO TÉCNICO

Nº:

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

PÁGINA: 2

Rev.: 0 2 de 23

TÍTULO:

CLIENTE:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



	۷D		
			_
	u ı,		_
••	•	\cdot	_

1-	OBJETIVO	3
2-		
3-	PREMISSAS DE CÁLCULO	3
4-		
	4.1 – Preparação dos dados de análise	5
	4.2 – Inserção dos dados de entrada no Orcaflex	8
	4.3 – Tração no Topo (Overboard do MCV no PLSV)	17
	4.4 – Equilíbrio	17
	4.5 – MCV no Hub com Linha Suspensa e MCV no Hub	
	4.6 – Teste Offshore e Operação	
	4.7 – Sistema de referência	
	4.8 – Carregamentos	23
5-	ANEXOS	23



RELATÓRIO TÉCNICO

Nº:

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

PÁGINA: 3 de 23

TÍTULO:

CLIENTE:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



Rev.: 0

1- OBJETIVO

Este documento visa descrever o procedimento de análise de CVD de 2ª extremidade a partir do documento base CT-TDUT 002/2012 Rev.00. Serão informadas premissas e peculiaridades do processo de análise atual utilizado pela US-OPSUB / ISBM / EIMDS. O software utilizado nas análises é o Orcaflex.

2- REFERÊNCIAS

[1] CT-TDUT 002/2012 Rev.00 – ANÁLISE DE ESFORÇOS EM FLANGES DE MCVs DURANTE OPERAÇÕES DE CVDs;

[2] I-ET-3000.00-1500-942-PMU-001 Rev. A – INSTALLATION METHODS.

3- PREMISSAS DE CÁLCULO

Analogamente às análises para CVD de 1ª, as análises para CVD de 2ª extremidade contemplam os seguintes casos de análise:

- 1) Tração de topo (Overboard do MCV no PLSV);
- 2) Equilíbrio;
- 3) MCV no Hub com Linha Suspensa;
- 4) MCV no Hub:
- 5) Teste Offshore;
- 6) Operação;

Caso seja necessária a utilização de flutuadores ou peso morto nas análises, os seguintes casos devem ser analisados:

- 1) Tração no topo (overboard do MCV no PLSV);
- 2) Equilíbrio;
- 3) MCV no Hub com Linha Suspensa;
- 4) MCV no Hub (toque no solo);
- 5) MCV no Hub (após a retirada dos flutuadores / peso morto);
- 6) Teste Offshore (com flutuador ou peso morto);
- 7) Teste Offshore (após a retirada dos flutuadores / peso morto);
- 8) Operação (após a retirada dos flutuadores / peso morto);

Para o caso "MCV no Hub com Linha Suspensa", o valor do deslocamento vertical a ser considerado é igual a 1,5m. O período de aplicação deste deslocamento vertical deve ser igual a 2,15s. Valores de deslocamentos verticais menores que 1,5m devem ser acordados com a engenharia de instalação conforme a necessidade do projeto.

A metodologia utilizada para cálculo de CVD de 1ª extremidade considera uma possível inclinação do solo marinho nas proximidades do hub do equipamento submarino. Tal consideração faz com que sejam analisadas duas alturas distintas nas análises (Altura nominal - 0,52cm e Altura nominal + 0,52cm). Entretanto, esta consideração não será aplicada para as análises de CVD de 2ª extremidade. Essas análises deverão ser realizadas em



casos pontuais e sendo assim, a medição real da altura do flange do MCV ao solo deve servir de insumo para os cálculos.

A lingada da corcova utilizada pode ser tanto de 3m ou de 5m de comprimento. A definição cabe ao analista.

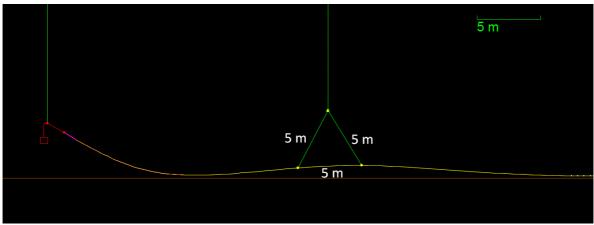
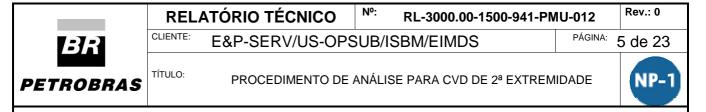


Figura 1: Exemplo de lingada da corcova igual a 5m de comprimento.

É recomendado que o espaçamento mínimo do primeiro flutuador (ou peso morto) ao flange do MCV seja maior ou igual a 3m. Porém, caso não seja viável uma configuração respeitando-se esta premissa, espaçamentos menores podem ser utilizados conforme a necessidade de cada projeto. Esta recomendação é feita devido ao risco do acessório se chocar com o painel do MCV durante a descida do equipamento.

Analogamente aos cálculos para CVD de 1ª extremidade, são utilizadas as curvas de rigidez flexional considerando a histerese do duto. Os casos de operação e teste são executados de maneira similar (conforme descrito na página 37 da referência [1]).



4- PASSO A PASSO DA ANÁLISE DE CVD DE 2ª EXTREMIDADE

4.1 - Preparação dos dados de análise

A seguir será realizado um passo a passo de uma análise padrão de CVD de 2ª extremidade para exemplificar o elucidado nas premissas acima.

Dados de Entrada:

			DADOS PARA INS	ERÇÃO NO ORCA	FLEX		
Nome	Diâmet	ros	Peso (te/m)	Operational MBR	Bending Stiffness (kN.m2)	Axial Stiffness (kN)	Torsional Stiffness (kN.m2)
	Externo	Interno			Instalação		
Duto_topo	0.25745483	0.16220196	0.129010000	2.09	39.13	313393.00	2543.00
Duto_fundo	0.25745483	0.16220196	0.129010000	2.09	Duto Flexão 2	313393.00	2543.00
Conector	0.40822014	0.15240000	0.743830249	~	36812.39	6712860.68	28317.22
Cabo de aco 1 1/2"	0.08700000	0.00087000	0.031300000	~	50.00	553825.14	200.00
Vertebra_2	0.34617492	0.28000000	0.253847921	3.6	Restritor Curvatura	10	10

Figura 2: Exemplo de dados de entrada do duto e acessórios.

Nas análises, ao invés dos diâmetros externo e interno disponibilizados no "Data Sheet", utilizamos diâmetros auxiliares. Estes diâmetros são calculados da seguinte forma:

Diâmetro Externo Auxiliar do duto:

$$Dout = \sqrt{\frac{4}{(\pi \times Ro(\acute{A}gua)} \times (w_1 - w_2)}$$

Diâmetro Interno Auxiliar do duto:

$$Din = \sqrt{\frac{4}{(\pi \times Ro(\acute{A}gua)} \times (w_3 - w_2)}$$

Onde:

- Ro(Água) = 1025 kg/m3;
- w1 = Peso Linear do duto flexível, vazio no ar (kg/m);
- w2 = Peso Linear do duto flexível, vazio e imerso (kg/m);
- w3 = Peso Linear do duto flexível, alagado e imerso (kg/m);

Para o modelo da vértebra, precisamos informar no campo "Bending Stiffness" uma curva que informará o raio de curvatura quando a mesma irá travar.

Esta curva é definida com base nos diâmetros interno e externo da menor seção da vértebra.



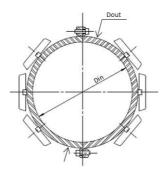


Figura 3: Diâmetros interno e externo da menor seção da vértebra.

I Vértebra	$I = \frac{\pi}{4} \times \left(\left(\frac{Dext}{2} \right)^4 - \left(\frac{D \operatorname{int}}{2} \right)^4 \right)$
EI Vértebra	$EI = \left(2,07E + 08\frac{kN}{m^2}\right) \times I$

Curvatura	Momento
0	0
$\boxed{\frac{1}{\textit{MBR}_{\textit{v\'ertebra}}}}$	0,01
$\boxed{1 + \frac{1}{MBR_{v\acute{e}rtebra}}}$	$0,01 + \left(\left(1 + \frac{1}{MBR_{v\acute{e}rtebra}}\right) - \left(\frac{1}{MBR_{v\acute{e}rtebra}}\right)\right) \times EI$

Tabelas 1 e 2: Confecção da curva de travamento da vértebra.

Onde:

- **Dext** = Diâmetro externo da menor seção da vértebra (Figura 3: Dout) (m);
- **Dint** = Diâmetro interno da menor seção da vértebra (Figura 3: Din) (m);
- **MBRvertebra** = Raio de travamento da vértebra (m);

Obs: O módulo de elasticidade (E) descrito acima considera uma vértebra metálica. Para vértebras poliméricas este dado deve ser fornecido pelo fornecedor do acessório.

Nas propriedades da vértebra, o diâmetro interno inserido é igual a Din (Figura 3) e o diâmetro externo é calculado da seguinte maneira:

$$D_{extvertebra} = \sqrt{\frac{4}{\left(\pi \times Ro_{\acute{A}gua}\right)}} \times \left(\frac{P_{vertebraAR}}{L} - \frac{P_{vertebra\acute{A}GUA}}{L}\right) + D_{in}^{2}$$

Onde:

- **Dextvertebra** = Diâmetro externo da vértebra a ser inserido no software (m);
- Ro(Água) = 1025 kg/m3;

RELATÓRIO TÉCNICO E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS TÍTULO: PETROBRAS

Nº: RL-3000.00-1500-941-PMU-012

PÁGINA:

7 de 23

Rev.: 0

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE

- **PvertebraAR** = Peso da vértebra no Ar (kg);
- **PvertebraÁGUA** = Peso da vértebra na Água (kg);
- L = Comprimento da vértebra (m);
- **Din** = Diâmetro interno da vértebra (Figura 3) (m);

Como complemento para o modelo da vértebra, é criado um "Stiffener type" onde são referenciadas as propriedades do duto e em que ponto da linha criada no programa começará o elemento da vértebra. Mais adiante esta parte será mais esclarecida.

Nas propriedades do conector, o diâmetro interno inserido é igual ao diâmetro interno do duto no Data Sheet e o diâmetro externo é calculado da seguinte maneira:

$$D_{extconector} = \sqrt{\left(\frac{4}{\pi \times Ro_{\acute{Agua}}}\right) \times \left(w_1 - w_2 + \frac{P_{ConectorAR}}{L} - \frac{P_{Conector\acute{A}GUA}}{L}\right)}$$

Onde:

- **Dextconector** = Diâmetro externo do conector a ser inserido no software (m);
- Ro(Água) = 1025 kg/m3;
- w1 = Peso Linear do duto flexível, vazio no ar (kg/m);
- w2 = Peso Linear do duto flexível, vazio e imerso (kg/m);
- **Pronector Peso do conector no Ar (kg)**:
- **PconectorÁGUA** = Peso do conector na Água (kg);
- L = Comprimento do conector (m);

Deverão ser inseridas no Orcaflex as curvas de rigidez flexional do duto para os casos definidos abaixo, considerando o anular do duto flexível seco. Tais curvas serão fornecidas pela Petrobras.

Caso 1: Rigidez Flexional (El) na temperatura da máxima LDA de projeto, pressão interna igual a pressão atmosférica e pressão externa equivalente a máxima pressão da LDA de projeto (kN.m2)

Caso 2: Rigidez Flexional (EI) na temperatura da máxima LDA de projeto, pressão interna e externa ao duto equivalente a máxima pressão da LDA de projeto (kN.m2);

Caso 3: Rigidez Flexional (EI) na temperatura da máxima LDA de projeto, pressão interna igual a pressão de projeto acrescida da pressão devido a coluna de fluido (considerar linha cheia de água do mar) e pressão externa equivalente a máxima pressão da LDA de projeto (kN.m2);

Caso 4: Rigidez Flexional (EI) na temperatura da máxima LDA de projeto, 110% da pressão de projeto interna ao duto e pressão externa equivalente a máxima pressão da LDA de projeto (kN.m2); Atentar para o fato de que a pressão de teste é medida no topo, ou seja, deverá ser acrescentada a pressão hidrostática do fluido de teste no interior do duto (pior caso: água do mar)

Figura 4: Características das curvas de rigidez flexional utilizadas.

Deverão ser inseridos no Orcaflex os dados do MCV, conforme tabela fornecida pela gerência designada do EQSB.

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA: 8 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



Rev.: 0

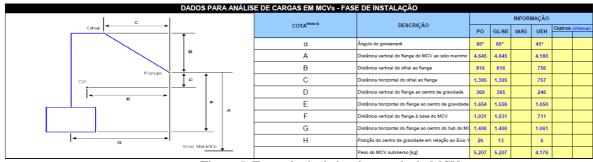


Figura 5: Exemplo de dados de entrada do MCV.

4.2 - Inserção dos dados de entrada no Orcaflex

As figuras a seguir exemplificam onde deverão ser inseridos os dados do duto e MCV no software.

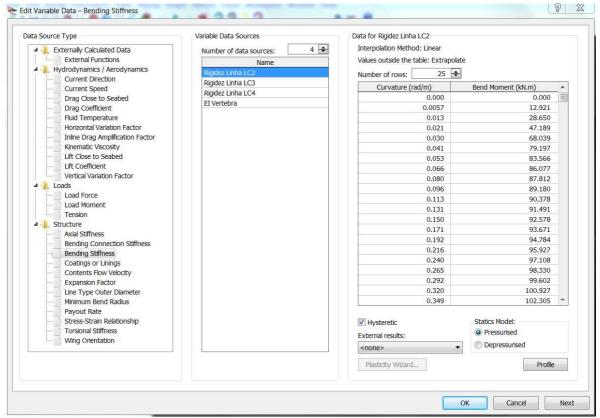


Figura 6: Dados de rigidez flexional (Caso 2).

ER PETROBRAS

RELATÓRIO TÉCNICO

N°: RL-3000.00-1500-941-PMU-012

- - -

PÁGINA: 9 de 23

TÍTULO:

CLIENTE

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS



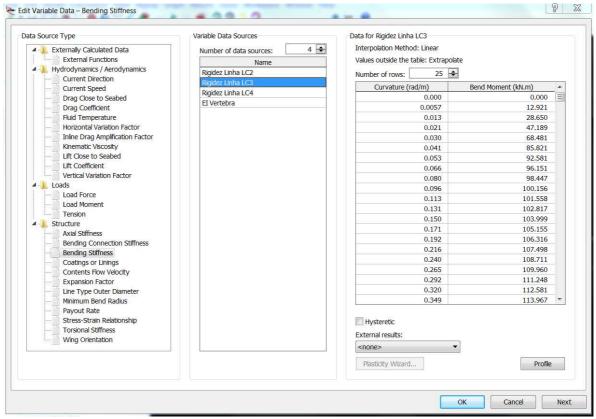


Figura 7: Dados de rigidez flexional (Caso 3).

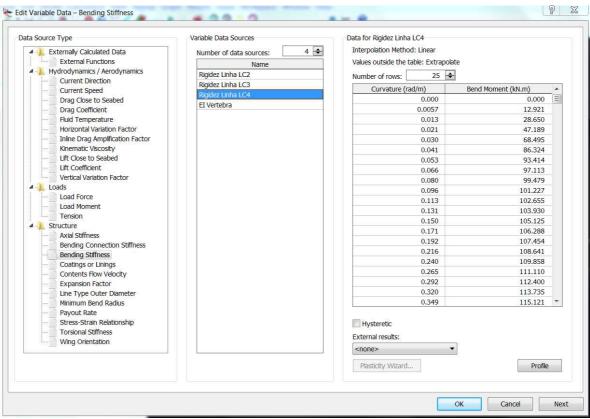


Figura 8: Dados de rigidez flexional (Caso 4)



RELATÓRIO TÉCNICO

Nº:

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

Rev.: 0

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA:

10 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



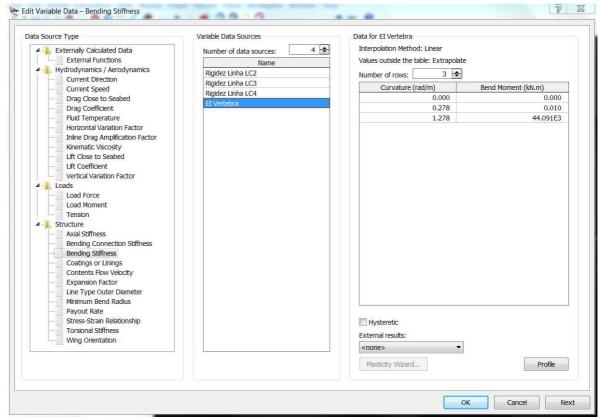


Figura 9: Curva de travamento da vértebra.

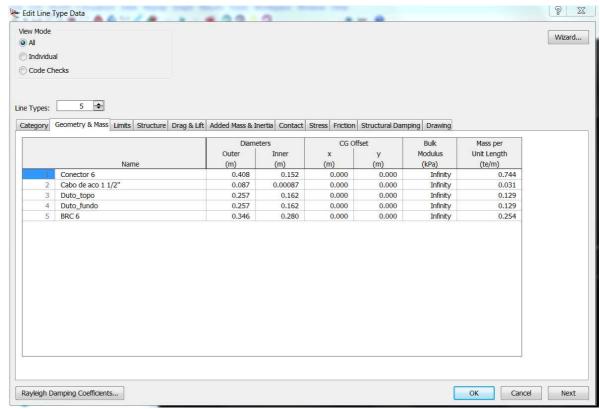


Figura 10: Propriedades da linha e acessórios.



RELATÓRIO TÉCNICO Nº: RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA: 11 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



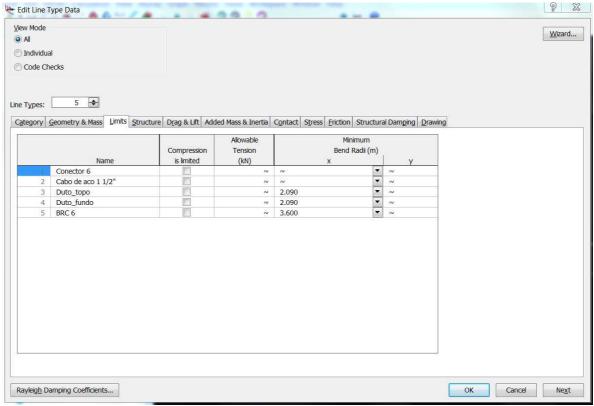


Figura 11: Propriedades da linha e acessórios.

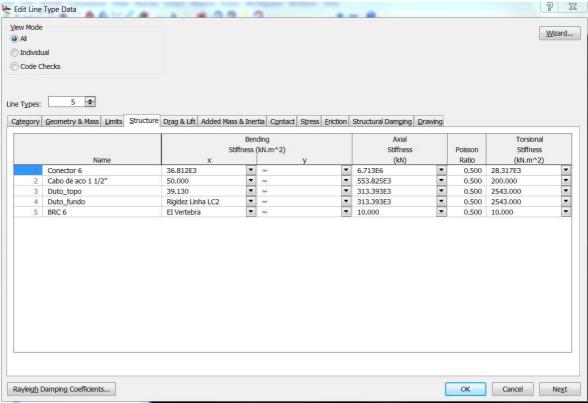


Figura 12: Propriedades da linha e acessórios.



RELATÓRIO TÉCNICO Nº: RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA: 12 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



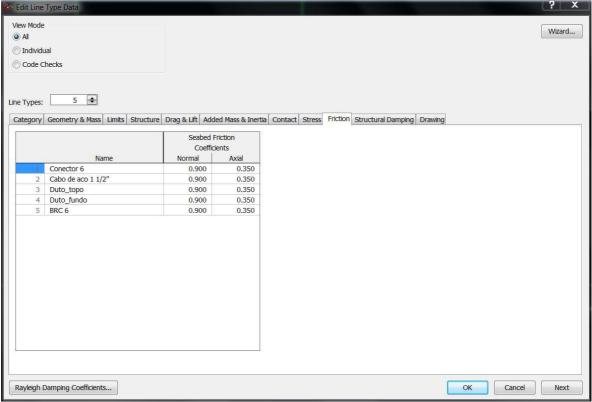


Figura 13: Propriedades da linha e acessórios.

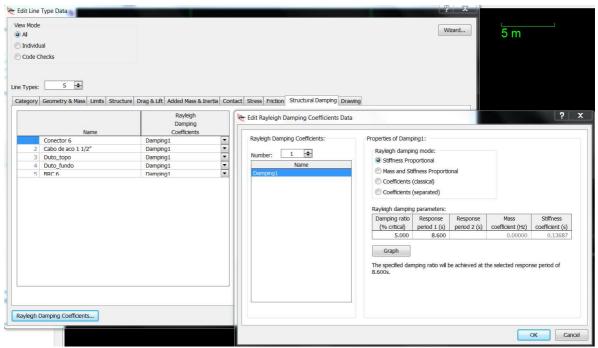


Figura 14: Propriedades da linha e acessórios.

ER PETROBRAS

RELATÓRIO TÉCNICO Nº: RL-3

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA: 13 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



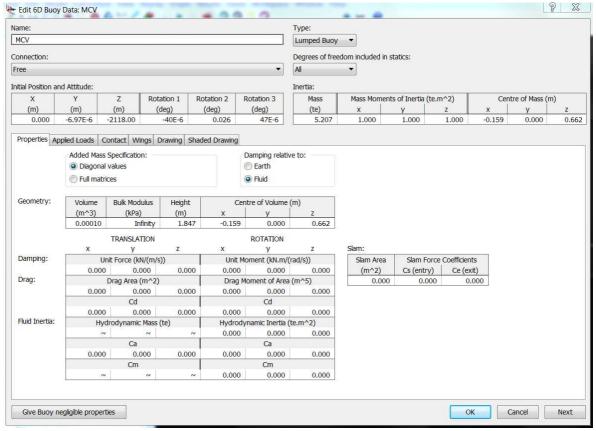


Figura 15: Propriedades do MCV.

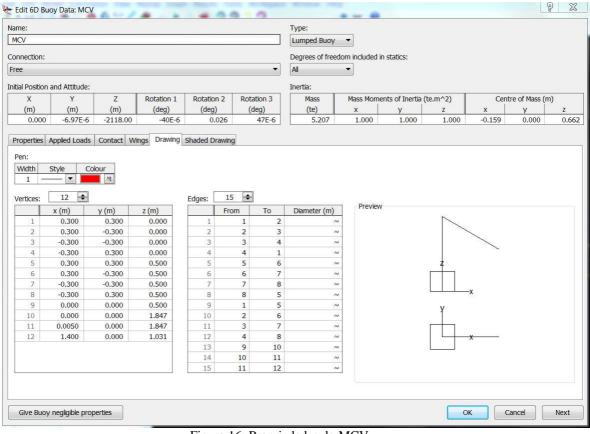


Figura 16: Propriedades do MCV.

E); PETROBRAS

RELATÓRIO TÉCNICO

Nº: PI_

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

Rev.: 0

CLIENTE:

TÍTULO:

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA:

14 de 23

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



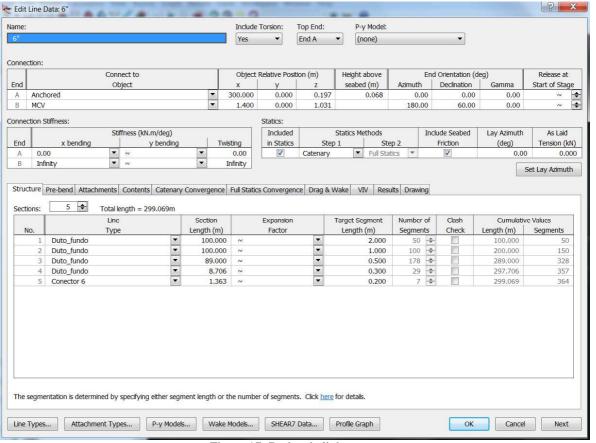


Figura 17: Dados da linha.

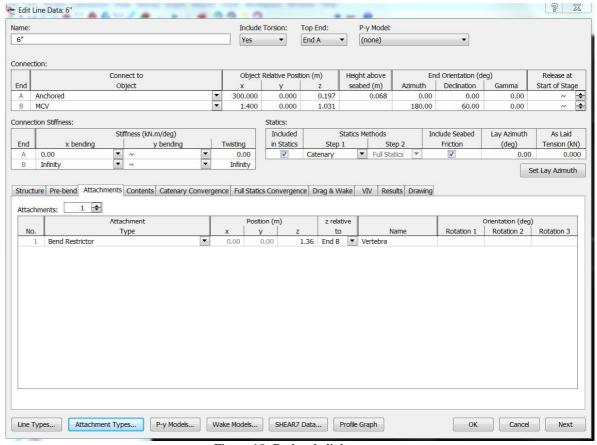


Figura 18: Dados da linha.



RELATÓRIO TÉCNICO Nº: RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA: 15 de 23

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



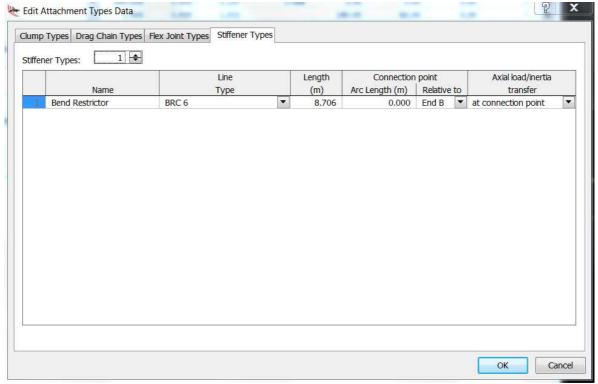


Figura 19: Dados de "Attachment" da modelagem da vértebra.

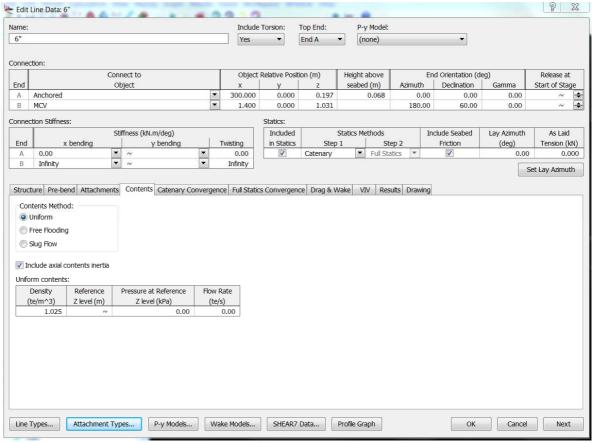


Figura 20: Dados da linha (Duto com bore alagado).

E}}} PETROBRAS

RELATÓRIO TÉCNICO

Nº:

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA:

16 de 23

Rev.: 0

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



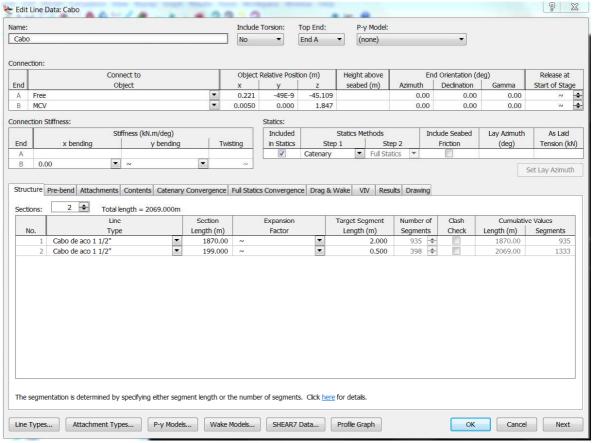


Figura 21: Dados do cabo que sustenta o MCV.

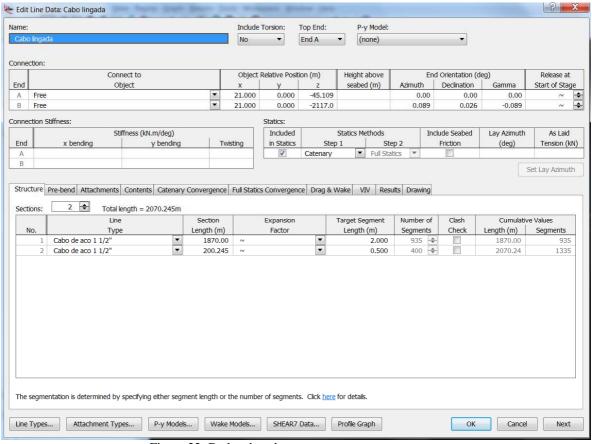
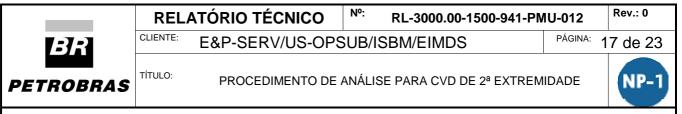


Figura 22: Dados do cabo que sustenta a corcova.



4.3 – Tração no Topo (Overboard do MCV no PLSV)

Deverá ser calculada a tração máxima considerando a catenária do duto quando estiver sendo realizado o overboard do MCV pelo PLSV.

$$ELT = A + (LDA + 10) \times FC \times FAD \times w$$

Onde:

- A = Peso estimado dos acessórios (valor padrão 15t);
- **LDA** = Lamina d'água;
- FC = Fator de catenária (FC = 1,06; referente a um ângulo de catenária igual a 3°);
- **FAD** = Fator de amplificação dinâmica (FAD = 1,3);
- w = Peso linear do duto flexível, alagado e imerso;

4.4 - Equilíbrio

Após a adição dos dados no software é necessário realizar a verticalização do MCV. O parâmetro a ser controlado é a rotação em y nos resultados dentro da bóia 6D (MCV). Esta rotação deve ficar o mais próximo de zero (tolerância = 0.5°).

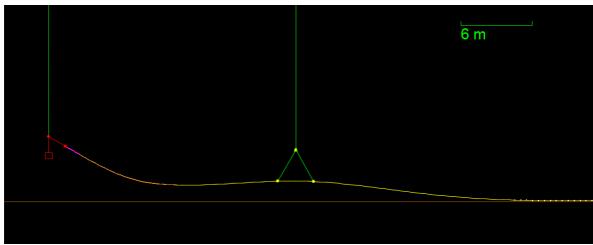
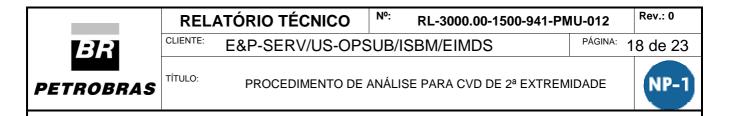


Figura 23: Análise estática para obtenção da configuração de CVD de 2ª.

Full Result	s for MCV	in static s	tate		
OrcaFlex 9.6c: Ed	quilibrio_CVD2a_	_alternativo2.sim	(modified 17:42 on 27/8	3/2014 by OrcaF	lex 9.6c)
Estimated shortes Dry length = 0.00	•	= 619.986434s.			
	Position (m)		Orie	ntation (deg)	
X	Y	Z	Rotation 1	Rotation 2	Rotation 3
0.3492	0.0	-2117.1917	0.0000	0.0006	0.0000

			Connection	ns			
		6D Buoy En	d	Other	End	Maximum Ter	nsion Segment
	Total	Vertical	Total Force	Total	Uplift	Segment	
Connection to	Force (kN)	Force (kN)	Declination (deg)	Force (kN)	Angle (deg)	Number	Tension (kN)
6" End B	24.8701	24.8701	179.9024	86.8536	-1.3714	В	12.4719
Cabo End B	75.9323	-75.9323	0.032	587.3753	~	Α	587.3753

Figura 24: Rotação do MCV em y.



Finalizada a verticalização, obtêm-se os esforços no flange do MCV apenas para futura consulta, pois como o MCV está livre, qualquer oscilação devido aos carregamentos de onda não impactará na integridade do equipamento.

4.5 - MCV no Hub com Linha Suspensa e MCV no Hub

Após a obtenção de uma configuração com o MCV verticalizado através de uma análise estática, são realizadas as análises dinâmicas.

A partir da configuração estática obtida, deve-se "congelar" os pontos que compõem a configuração da linha utilizando a função "Use Specified Starting Shape for Lines (static state)", conforme ilustrado na figura a seguir.

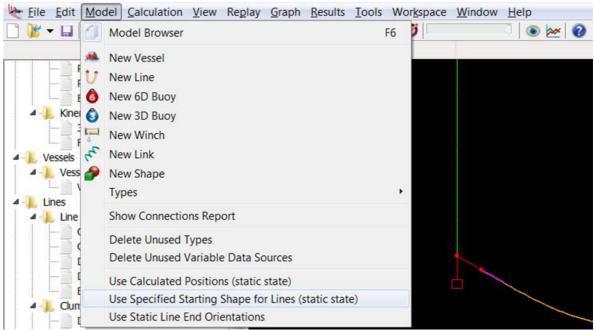
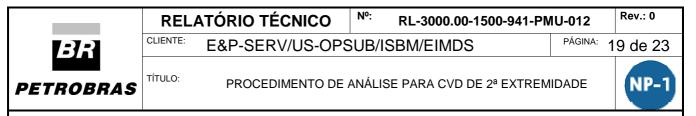


Figura 25: Aplicação de função para "congelar" a configuração obtida.



Após este passo deve-se salvar um novo arquivo onde serão rodadas as análises dinâmicas.

Deve ser inserida a duração de cada estágio de análise, conforme a necessidade do analista. A única duração que deve obrigatoriamente ser mantida é o período de aplicação do deslocamento vertical no duto (2,15s).

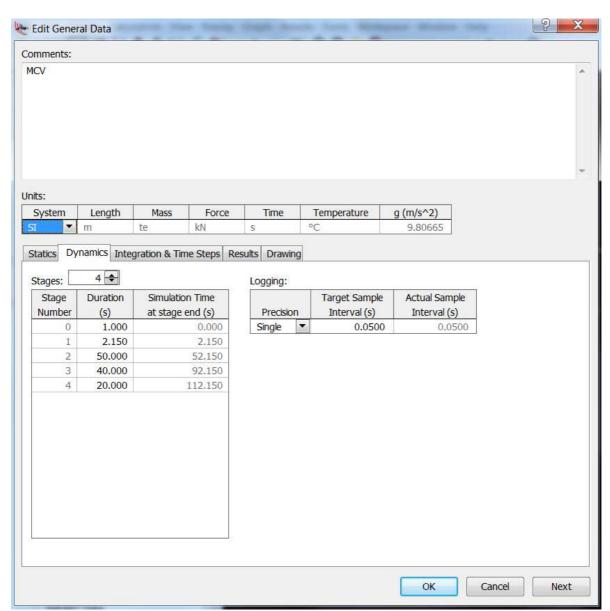
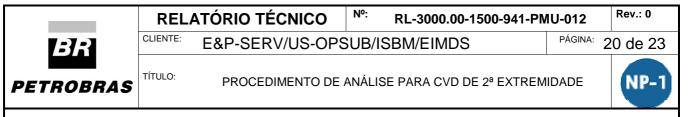


Figura 26: Exemplo de duração dos estágios da análise dinâmica.



São aplicados então os movimentos no elemento de guincho que sustenta o cabo da lingada, conforme exemplificado na figura a seguir.

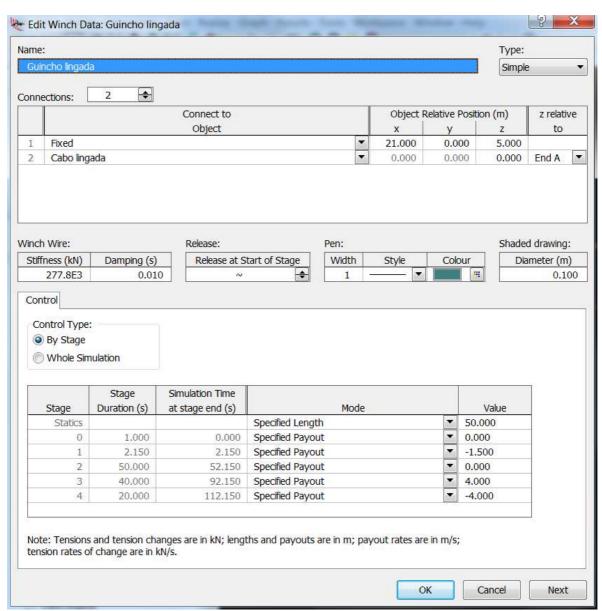
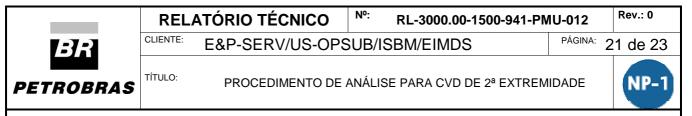


Figura 27: Exemplo de aplicação de movimentos no elemento de guincho.



As lingadas que formam a corcova da CVD de 2ª são modeladas como "links". Para obtenção dos carregamentos após o assentamento do duto no solo, deverá ser ajustado o estágio onde estes "links" serão liberados.

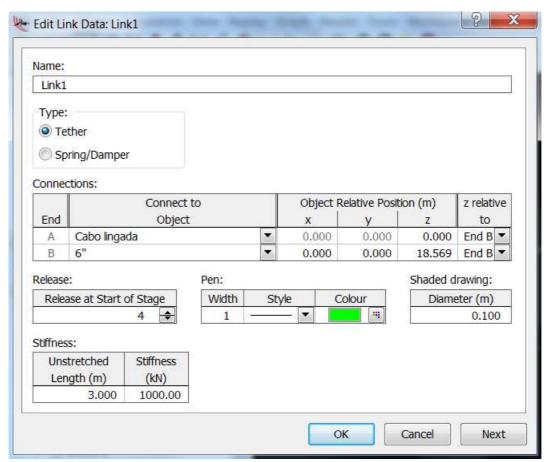


Figura 28: Exemplo de link para formação da lingada.

Após o término da análise, os esforços dos casos "MCV no Hub com Linha Suspensa" e "MCV no Hub" serão obtidos.



RELATÓRIO TÉCNICO

Nº:

E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

PÁGINA:

22 de 23

Rev.: 0

TÍTULO:

CLIENTE:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



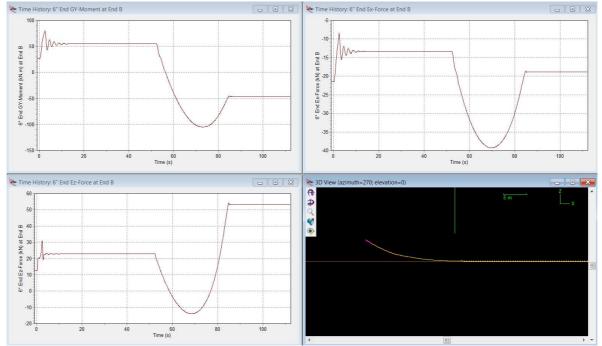


Figura 29: Exemplo de resultados obtidos.

4.6 - Teste Offshore e Operação

Analogamente às análises para CVD de 1ª extremidade, os esforços para as condições de "Teste Offshore" e "Operação" serão obtidos através das instruções que se encontram na CT-TDUT 002/2012 Rev.00 (conforme descrito na página 37 da referência [1]).

4.7 - Sistema de referência

A figura a seguir ilustra o sistema de referência considerado na impressão dos valores dos esforços solicitantes obtidos das análises.

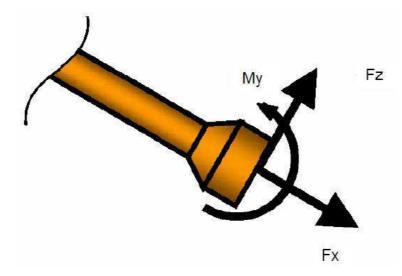


Figura 30 – Sistema de referência para os esforços solicitantes (Fx – Tração; Fz – Cortante, e My – Momento Fletor).



	,	,	
RELA	ΓORIC) TÉCNIC	0

Nº:

RL-3000.00-1500-941-PMU-012

CLIENTE: E&P-SERV/US-OPSUB/ISBM/EIMDS

PÁGINA:

23 de 23

Rev.: 0

TÍTULO:

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE PARA CVD DE 2ª EXTREMIDADE



4.8 - Carregamentos

A tabela a seguir ilustra um exemplo de tabela com carregamentos tendo como base os dados de entrada contidos no anexo 1.

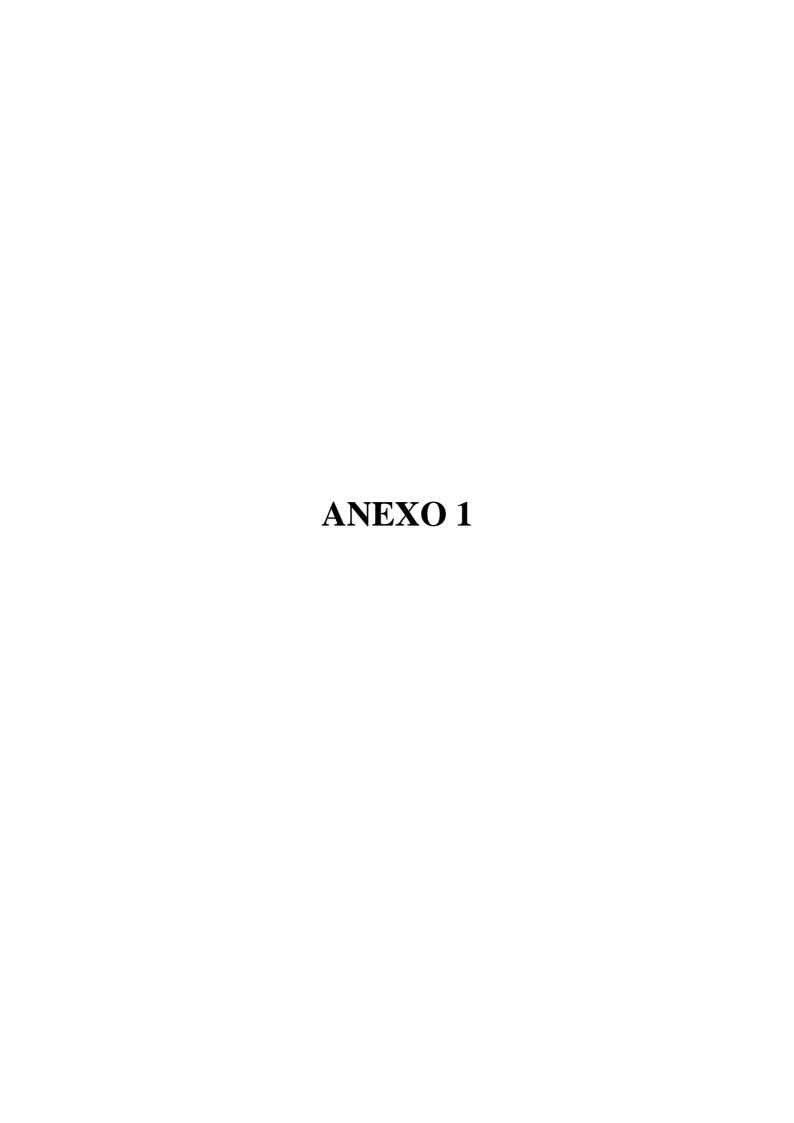
Caso de carregamento	Esforço	Valor
CVD 2 ^a – Topo	Tração (Fx)	2934 kN
CVD 2ª – Equilíbrio	Tração (Fx) Força Cortante (Fz) Momento Fletor (My) MBR	12,47 kN -21,52 kN 26,28 kN.m 10,05 m
CVD 2 ^a – MCV no Hub com linha suspensa	Tração (Fx) Força Cortante (Fz) Momento Fletor (My) MBR	29,93 kN -8,30 kN 80,16 kN.m 10,05 m
CVD 2 ^a – MCV no Hub	Tração (Fx) Força Cortante (Fz) Momento Fletor (My)	-10,09 kN -38,35 kN -104,93 kN.m
CVD 2 ^a – Teste Offshore	Tração (Fx) Força Cortante (Fz) Momento Fletor (My)	52,97 kN -18,62 kN -40,63 kN.m
CVD 2ª – Operação	Tração (Fx) Força Cortante (Fz) Momento Fletor (My)	52,99 kN -18,64 kN -41,02 kN.m

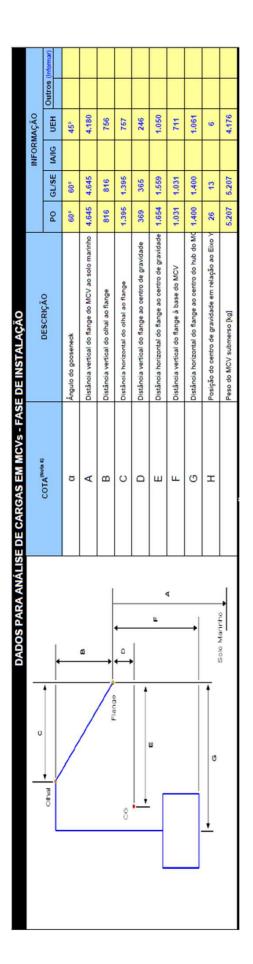
Tabela 3 – Exemplo tabela com resultados de análises para CVD 2ª.

5- ANEXOS

Anexo 1 – DADOS DO DUTO FLEXÍVEL, CONECTOR, VÉRTEBRA E MCV.

Anexo 2 – DADOS DE RIGIDEZ FLEXIONAL.





		Vertebra
Disto 6"		Dont_menor_secao
Dailo		Oin monor of
757 11 mm	0212	Din_menor_seção
111111111111111111111111111111111111111	Daux_III.	+1100
JET AE mm	167 70 mm	Dogs
237.43 [[[[[]]	102.201	_
152 40 mm		_
132.40 11111		30000
120 01 Laf/m		reso_di
123.01 KBI/III		Odev
75 65 haf/m		MDM
13.03 ngl/III		
313393.00 kN		Conector

Linha

Estrutura

Dout

0.346 m

0.320 m 0.280 m 8.706 m

Peso_ar	2210.00 kg
MBR	3.600 m
Conector	P. Carrier and P. Car
Dout_Pescoço	0.254 m
Din_pescoço	0.152 m
Daux	0.408 m
7	1.363 m

2543.00 kN.m2

96.83 kgf/m 2.09 m 2.09 m

Peso molhado cheio

MBR Operação

MBR

39.13 kN.m2

Peso molhado vazio

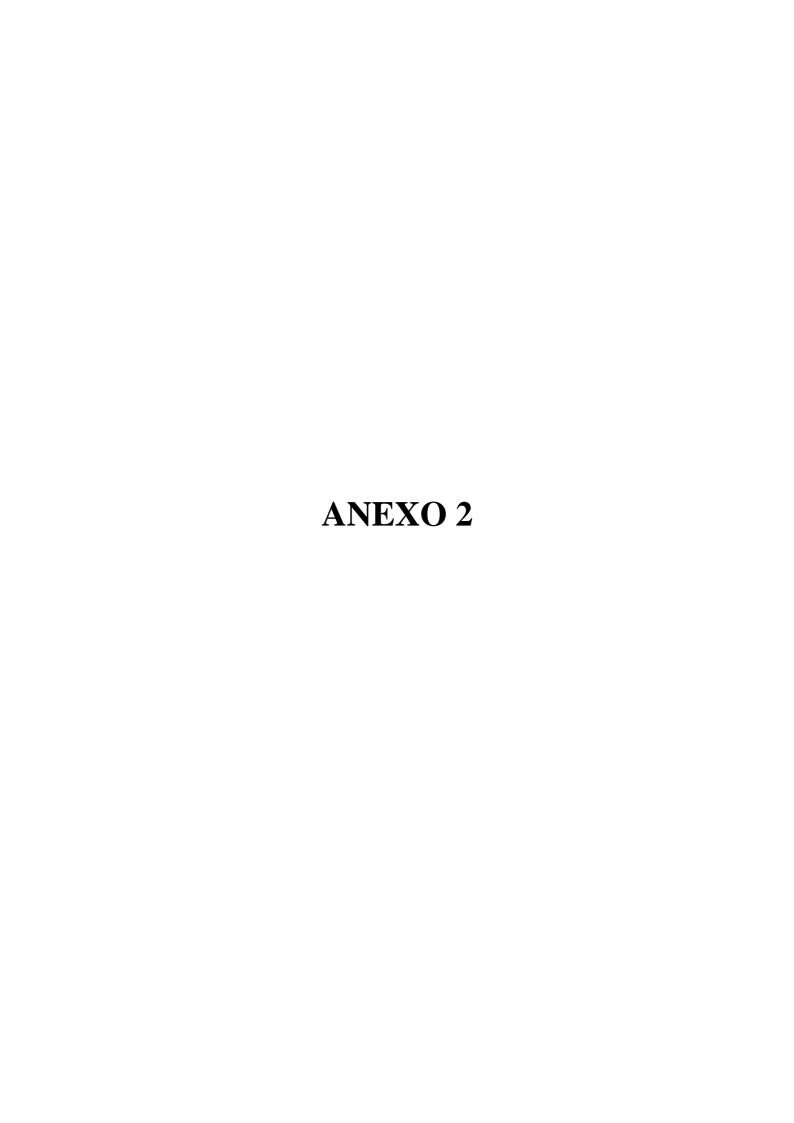
E E

Peso seco vazio

Din

838.00 kg

Peso_ar



Curvatura (1/m)	Momento Fletor (kN.m)			
	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4
0	0	0	0	0
0.005696058	12.92068826	12.92068826	12.92068826	12.92068826
0.01263039	28.65022179	28.65022179	28.65022179	28.65022179
0.020802996	47.18860059	47.18860059	47.18860059	47.18860059
0.030213875	66.127259	68.0393797	68.48111317	68.49496745
0.040863027	73.71020614	79.19665498	85.82054297	86.32394291
0.052750453	77.06457897	83.56620582	92.58132775	93.41437937
0.065876153	79.08649127	86.07738275	96.15101309	97.11275447
0.080240126	80.55104106	87.81193453	98.44749225	99.47916097
0.095842373	81.7645768	89.18002775	100.1560358	101.2272726
0.112682893	82.85413948	90.37840362	101.557845	102.6549717
0.130761687	83.90222542	91.49063034	102.8170283	103.9304825
0.150078754	84.94658047	92.57798813	103.9994595	105.1254114
0.170634095	86.00473521	93.6712109	105.154523	106.2879357
0.19242771	87.09028984	94.78359254	106.3155291	107.4543311
0.215459598	88.21229152	95.92727418	107.4982277	108.641245
0.239729759	89.37831361	97.10764293	108.7113415	109.8578962
0.265238194	90.59281729	98.3297485	109.95996	111.1095265
0.291984903	91.85951688	99.60184803	111.2479712	112.4001011
0.319969885	93.17962447	100.9266431	112.5814439	113.7350454
0.349193141	94.55384667	102.3049646	113.9668456	115.1212184
0.37965467	95.98270473	103.7374023	115.4055032	116.560549
0.411354473	97.4666075	105.2244735	116.8980722	118.0536962
0.44429255	99.00589407	106.7665686	118.4450488	119.601216
0.4784689	100.6008482	108.364038	120.0468736	121.2035003